

“HISTÓRIAS E MEIAS VERDADES” NOS REINOS DE GOIÁS

Olívia Aparecida Silva

Velha casa de Goiás. Acolhedora e amiga, recende a coisas antigas de gente boa.

Cora Coralina

Cora Coralina, reconhecida poetisa, é também contadora de casos à moda antiga. Um dos seus primeiros contos foi publicado em 1910, “Tragédia na roça”, despertando atenção da crítica especializada. Recebe elogios e é anunciada como revelação da época. Mas só muitos anos depois, em 1985, seu primeiro livro de contos, *Estórias da casa velha da ponte*, é publicado, postumamente. Compõe-se de dezoito peças em escrita leve e bem humorada. São casos folclóricos alguns, mas em todos se sobressaem o cotidiano, o absurdo da vida e ensinamentos.

Vem de dentro um cheiro familiar de jasmims, resedã e calda grossa – doce de figo ou caju

Dispõe de uma linguagem despojada, bem aprumada e traz uma ressalva, cujo título é “Nada Novo...”, alertando o leitor sobre a possibilidade de encontrar mesmices já lidas, pois se trata de histórias diversas de cunho popular, recriadas por outros autores goianos, mas acrescenta que cada escritor tem seu estilo e recursos próprios, mostrando-se consciente da natureza do gênero e senso crítico em relação a possíveis comentários.

Em seu primeiro conto cujo título é “A Casa Velha da Ponte”, Cora Coralina faz uma homenagem à Casa Velha da Ponte buscando recuperar sua história e de seus moradores, tornando-a personagem da narrativa. A casa projeta-se enquanto um elo entre o presente e o passado, trazendo à baila cenas de um tempo distante, de vivências passadas, circunstâncias de gerações a gerações.

É sobre esse conto que pretendo desenvolver algumas considerações, observando a relação estabelecida entre o factual e o ficcional, os aspectos autobiográficos e as estratégias ficcionais utilizadas por Cora Coralina na sua composição.

Verifica-se, em "A Casa Velha da Ponte", através do ato criativo, a articulação entre ficção e história. Na enunciação ficcional, são revelados fatos e circunstâncias de vida dos antigos proprietários da casa, dos seus antigos vizinhos, dos escravos que, encostados em seus muros, produziam rumores e cheiros de desejos saciados sem culpas, sem reservas. "Vultos negros no escuro se buscando, se agarrando, na sombra dos muros e tapumes, atracados num cio vigoroso e animal."

A narrativa se faz de histórias e de estórias. Nesse universo em que histórias e lendas se misturam, são sempre lembradas as notícias de possíveis riquezas enterradas entremeio às paredes do porão da Casa Velha da Ponte. São as supostas barras de ouro do ouvidor, que se suicidou e matou seu escravo particular para que ninguém soubesse onde localizá-las e confirmar que sonegava os devidos impostos ao reino português. Elas inspiraram sonhos e cobiças de serem encontradas. Sempre "mentiras e verdades, meias verdades" dos reinos de Goiás.

A narradora-personagem procura dialogar com os tempos, recorrendo às suas lembranças, aos relatos orais das histórias que a bisavó sabia e contava. São artifícios de uma escrita plural: texto, referencialidades e autobiografia. É uma escrita que procura recuperar, na transitividade histórica, a unidade perdida.

A Casa Velha da Ponte é uma fonte inesgotável de lembranças. Ao observá-la, a narradora-personagem possibilita que trilhas que a levam de volta ao passado sejam abertas. A casa é personificada e metamorfoseia-se em um ser cujo corpo traz as marcas do tempo. "Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã. Revejo teu corpo patinado pelo tempo, marcado das escaras da velhice." Suas grossas paredes atravessam milênios e suscitam imagens de tempos remotos-presentes. Sua figura representa um depositário da história das grandes famílias senhoriais com seus escravos, suas riquezas, suas ruínas. Na

fatura e na pobreza suas paredes, como um palimpsesto, guardam os segredos de gerações e gerações. A narradora a nomeia como um “Velho documentário de passados tempos, vertente viva de estórias e de lendas.” Ela faz parte da história de Goiás Velho, considerada Patrimônio histórico da humanidade

Em um mundo de tensões, a casa apenas registra, inerme em sua natureza enquanto matéria, sua cor no tempo. É um testemunho silencioso das mudanças temporais.

Suas portas de folhas pesadas são próprias para um tempo de grandes senhores patriarcais, rústicos, sem necessidade de luxo. Uma construção de forma artesanal, tudo grande e pesado para atravessar os milênios e as intempéries da natureza.

A forma do conto é de feição autobiográfica. Ao recuperar ficcionalmente a história da casa velha da ponte, a narradora está reconstruindo a sua própria história. É um relato que evidencia a experiência pessoal. Ela viveu diferentes momentos de sua vida sob o teto secular da casa Velha da Ponte.

Neste meio me criei e me fiz jovem. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas, e me fiz ao largo da vida. Andei por mundos ignotos e cavalei o corcel branco do sonho. Pobre, vestida de cabelos brancos, voltei à velha CASA DA PONTE, barco centenário encalhado no Rio Vermelho, contemporânea do Brasil Colônia, de monarcas e adventos. Ancorada na ponte, não quiseste partir o rio abaixo, agarrada às pedras. Nem mesmo o rio pode te arrastar, raivoso, transbordante, lavando tuas raízes profundas a cada cheia bravia, velha casa de tantos que se foram.

Em linguagem metafórica a narradora-personagem dá conhecimentos ao leitor, de forma breve, das três etapas de sua vida íntima. A casa velha é testemunho e ancoradouro. Sua natureza é múltipla: de matéria passa a humana e depois a vegetal. Sua última forma lhe dá condições para resistir às

águas do rio Vermelho e sobreviver a elas. É interessante observar a mudança de foco discursivo. A narradora dirige-se ao provável leitor, depois se volta para a própria casa, como se fosse possível estabelecer com ela um diálogo.

Em alguns momentos, a narradora recorre a um tom discretamente melancólico, em outros, há dinamismo. Nesse contraponto vai-se formando um texto de leveza incomparável em que não há faltas nem excessos. Na confluência do discurso íntimo e social sobressaem vieses da história de Goiás em que há dramas e tragédias. É trágico o relato sobre o escravo que, com medo dos castigos do feitor que o persegue, comete o suicídio. Ele rasga, com uma faca, o próprio ventre e é encontrado segurando suas vísceras com as mãos. Nesse momento, a narrativa assegura não apenas o tom trágico ainda o naturalista.

Contava minha bisavó de um certo Lourenço, jovem crioulo escravo que um dia, ameaçado de castigo, rasgou o ventre num desvão da escada. Foi achado, quando o Capitão-do-Mato já ia à sua procura, caído, morto, rasgado a faca, com as mãos duras, agarradas aos caracóis do próprio intestino, roto e derramado. (ECVP, p. 10)

No desenvolvimento do relato, recorrente nas narrativas tradicionais, a narradora-personagem comunga o espaço narrativo com uma narradora oral: sua bisavó que por sua vez menciona outra narradora também sua bisavó, portanto a narrativa vai processando um entrelaçar de fios narrativos, cuja finalidade é reconstruir um espaço e a presentificação de acontecimentos passados. As histórias das antigas gerações de moradores da casa Velha da Ponte vão surgindo e seus dramas então em consonância com as variações político-econômicas do país. Um mundo antigo de força bruta, severidade, riquezas, contenções, crueldades.

Minha bisavó falava de seus antigos ancestrais.

O primeiro lembrado de outra bisavó – um certo Thebas Ruiz, recebedor de quintos reais (...). Abolida a escravidão, as famílias empobrecidas, o serviço desorganizado na

cidade e nos campo. A decadência lenta, inexorável mais a mais, dia a dia, tempo a tempo. O pauperismo geral. (...) Os relhos dependurados, os açoites inúteis, as palmatórias ociosas.(ECVP, pp.10-11)

O conto divide-se internamente em quatro partes. Em cada parte sobressaem-se, em caixa alta, subtítulos homônimos ao título: CASA VELHA DA PONTE, seguidos de recurso estilístico, as reticências. Apenas no segundo subtítulo acrescenta-se o pronome possessivo "minha", dando o caráter de posse da casa à narradora. Da mesma forma que divide a composição narrativa, em partes, divide-se o espaço e o tempo, possibilitando uma movimentação do externo para o interno e, por último, o externo. As imagens compõem-se em tempo presente e passado.

Na primeira parte, a narradora põe-se em posição de observadora e procura encontrar, na aparência da casa, marcas da transição do tempo. É como se o olhar de agora fosse comparado ao olhar da infância e, entre um tempo e outro, não houvesse operado mudanças. A casa já era envelhecida, daí a interrogação: "Desde quando ficaste assim?" Ao interrogar a casa, a narradora parece interrogar a si mesma. Estabelece-se um monólogo em que vêm à tona imagens do passado.

Eu era menina e você já era a mesma, de paredes tocas, de beiradão desusado e feio, onde em dias de chuva se encolhiam as cabras soltas da cidade. Portais imensos para suas paredes rudes de barrotins e enchimento em lances sobrepostos salientes.

Folhas de portas pesadas de árvores fortes descomunais serradas a mão, unidas e aparelhadas, levantadas para a entrada e saída de gigantes homens feros, duros restos de bandeira. Fechaduras anacrônicas, chavões de broca, gonzos rangentes de feitio estranho e pregos quadrados (ECVP, p.7)

A precisão da descrição do olhar da criança, recuperado pelas lembranças da narradora anciã, é revelado por uma escrita objetiva e poética que possibilita sobressair, no ato narrativo, matizes diversos de um tempo passado.

Nesse mundo narrado, o rural e o citadino não se distinguem nitidamente. Os animais domésticos transitam livremente entre os homens. O emprego de árvores desconhecidas nas construções permite tomar como informação que a região havia sido desbravada cerca de há duas centenas de anos, desta forma sua flora ainda conservava aspectos quase virginais.

A arquitetura deveria atender às necessidades de um tempo em que não havia economia de braços, nem de tempo. As construções pareciam verdadeiras fortalezas, rústicas assim como o eram os "gigantes homens feros, duros restos de bandeira".

Nos fins de século XIX, existiam descendentes de bandeirantes, mesmo que fossem apenas na forma de ser, desbravadores, destemidos. Há na força do emprego dos adjetivos, ao referir-se aos homens do tempo, um tom de admiração. Ao empregar o vocábulo "restos", compreende-se que não existem mais homens como eles contemporaneamente, meio míticos, lendários. Assim eram as imagens criadas dos primeiros homens que iniciaram o processo civilizatório de Goiás. Nessa época, tudo tinha uma forma ainda muito artesanal, inclusive o processo de fabricação das fechaduras e pregos. Vale lembrar que Cora Coralina faz referência em seu poema "Do beco da Vila Rica" ao interesse dos turistas pelos "chavões de broca", como relíquia de um passado distante.

Na segunda parte, a narradora enfatiza o estado de conservação da velhice da casa. Ela reconhece, no entanto, que em um tempo indefinível a casa teve uma aparência diferente - "Algum dia cerimonial foste casa nova" -. A seguir passa a descrever como deve ter sido a constituição de feitura do alicerce da Casa Velha da Ponte: as mãos laboriosas da escravatura, o material empregado:

Esquadrejaram tua ossatura bronca, traçaram teus barrotões na cava certa e profunda dos esteios altos, encaixaram teus linhamentos, cumeeiras, pontaletes, freixais, arrochantes e empenas, duras aroeiras, lavradas a machado, com cheiro de florestas, arrastadas em carretões de bois, Vieram os barrotins das taipas e os caibros linheiros, tirados em santa lua. Os envarados de taquara, amarrados com tiras de couro cru em permanência secular. Enchimentos lacrados com viscoso barro goiano, argila de boa loiça, que se lacrou para sempre, ao tempo e ao sol, indestrutível casa velha, assentada em pedras brutas e cernes de lei.

A constituição da casa tem uma composição misturada, meio mítica e meio humana, gotejada, aqui e acolá, por certo bairrismo. Justifica-se, desta forma, ela atravessar séculos e permanecer como “velho documentário” de gerações.

Em um fôlego só, a narradora descreve também o estado de decadência da velha casa. Enquanto o primeiro momento, separado por um ponto final contínuo, é o passado observado pelo olhar da infância e descrito pelas palavras de uma anciã, o segundo é o olhar presentificado. Nele a narradora e o objeto narrado, em determinados momentos, se confundem. A descrição da ancianidade, em uma transubstanciação de ser e objeto, é composta por palavras de delicada poeticidade:

O campim-musgo viça e cresce nos beirais encachoeirados; celebra em cada advento tua veneranda idade, teu corpo encurvado, marcado de escaras carecido de reparos que ninguém mais faz. Todo o calendário de chuvas repetem-se tuas goteiras lacrimosas e se abrem novas em complicada cadência de gotas indefinidas, e é apenas um rotineiro afastar de cadeiras e malas desusadas para a liberdade de variados pingos, com suas variações de locações diversas a

cada chuva de vento forte e renitente. (...) com o sol tudo se recompõe. Os móveis voltam aos seus lugares, esquecidos a lástima e o choro manso das pingueiras. (ECVP, p.8)

O processo antitético, passado-presente, empregado na descrição do estado da Casa Velha da Ponte reata o fio da vida, humana e material. É a composição do ciclo da vida.

A terceira parte é dedicada ao interior da casa, aos seus primeiros moradores. Nessa parte insinua-se, despretensiosamente, uma reflexão a respeito da sociedade brasileira da época. A narradora, através da sua bisavó, que recorre também às histórias da sua bisavó vai refazendo o mapeamento da história de vultos ilustres da Villa Boa de Goiás, até chegar à sua última moradora: ela, a própria narradora.

Minha bisavó falava de seus antigos ancestrais.

O primeiro lembrado de outra bisavó – um certo Thebas Ruiz, recebedor dos quintos reais, antes de morrer enterrou no porão da casa ouro avultado, grossas barras, moedas e mais lavrados. Para não seguir preso para Portugal (...) bebeu seu copo de veneno, tendo antes feito beber ao seu antigo escravo de confiança, que muito sabia e podia contar.

Depois veio um Sargento–mor, bisavô de muitos, português colonial. Um Cônego Couto, liberal e dono de moedas, montes de ouro (...) só almoçava sua gorda feijoada goiana em pratos e talheres de ouro. Um capitão da guarda nacional, que dragonou milhares de homens felizes e analfabetos, capitães, majores e coronéis, enfeitados com galões dourados e vitalícios sem percalços de reforma. Um desembargador da Monarquia – meu pai -,

minha mãe viúva. Minhas irmãs, eu, afinal a última sobrevivente de gerações passadas. (ECVP, p. 9)

Ela traça uma linha crescente, do passado remoto ao presente, dos moradores da Casa Velha da Ponte até sua última geração que se finaliza com ela: moradora, autora, narradora-personagem. Assim, evidencia o caráter memorialístico-autobiográfico da narrativa. Este se revela em dois níveis: da referência e do enunciado. O primeiro remete-nos a pessoa que fala e escreve; e o segundo, recai sobre o que narra e o que é narrado.

Ao remontar séculos da história da casa velha, Cora Coralina estabelece um diálogo da autora fora da ficção, que articula o relato de sua vida, o narrador que nos conta, e o personagem, ele mesmo, personagem principal da narração que compartilha o espaço ficcional com outros personagens. No relato autobiográfico, a História está presente, pois a vida se realiza em tempo e em espaço social.

Até a terceira parte do conto, havia apenas uma narradora, mas como há um limite de tempo não vivido pela narradora e para dar maior veracidade ao contar se faz necessário recorrer à voz do passado que testemunhou os acontecimentos ou sabe dar notícias do acontecido, no caso as bisavós. Em vários momentos, tanto na poesia como nas narrativas, Cora Coralina recorre à figura da bisavó como forma de contar episódios de tempos arcaicos, utilizando assim, a modalidade narrativa mais antiga da humanidade: a oral. A história é repassada às gerações que se sucedem.

Nessa parte do conto o objeto da narração deixa de ser focalizado. Até o momento, o olhar da narradora centrava-se em observar a Casa Velha, ao nomeá-la como "Velho documentário de passados tempos", a narrativa desliza para um movimento interno: as páginas do passado serão revisitadas. A narradora, em dois parágrafos medianos, refaz um caminho histórico de gerações de mais ou menos o equivalente ou superior a dois séculos. Depois, retoma e apresenta o desdobramento de algumas passagens com acontecimentos que perfazem cenas cotidianas e íntimas destas gerações. As cenas são descritas com nitidez e precisão. Elas, mesmo sendo pontuadas pela

objetividade, em alguns momentos há acentos líricos. Nelas estão contidos fatos de conotações histórico-sociológicas, político-econômicas.

Cora Coralina conhece como ninguém histórias de sua gente e se insere no grupo de narradores clássicos que, segundo W. Benjamim, sem sair de seu país conhece suas histórias e tradições. Mesmo tendo vivido várias décadas longe da terra natal ela não consegue desvencilhar-se da tradição familiar de contadores de histórias e assume a tarefa de narrar a história de sua gente, dos reinos de Goiás, “antes que o tempo passe tudo a raso” . A partir de então, passa a cantar e contar notícias suas e dos outros.

Voltando ao conto, em sua cena narrativa transitam seres reais que fazem parte da história de Goiás. Ficção e realidade se confundem em um mesmo plano. Não há limites definidos entre o factual e o ficcional. Ao mesmo tempo é real e fictício: é linguagem, é representação estética.

Na escrita coralineana se confirma o autobiográfico a partir do título e se efetiva a cada momento do relato. A narradora-personagem traz informações que são passíveis de verificação, outras fazem parte do imaginário popular que ao serem repassadas de geração para geração adquirem feição meio lendária. A questão do ouro enterrado nas paredes da Casa Velha da Ponte foi fato que se popularizou e mesmo Cora Coralina não se furtou à curiosidade de mandar escavar o velho porão em busca do ouro perdido. A Casa Velha da Ponte foi adquirida quando do nascimento de Helena, segunda irmã mais velha de Cora Coralina, pelo seu pai, o Desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimarães, no século XIX.

Um ano depois, [do casamento com Senhora Jacintha, mãe de Cora Coralina] uma menina mais habitava o casarão: bonita, rechonchuda, bem-vinda, Helena.

O doutor, envaidecido, compra do sogro o casarão em que moram, à beira do rio Vermelho, e passa para o nome da esposa. Um presente pelo nascimento da pequena Helena.(Tahan: 2002, 10).

Esse era um período de riquezas das famílias ilustres da Villa Boa de Goiás, dentre elas a família de Cora Coralina. Depois da abolição da escravidão veio a “decadência lenta, inexorável mais a mais, dia a dia, tempo a tempo. O pauperismo geral.” A família de Cora Coralina passou por situação semelhante a que enfrentaram outros cidadãos à época da escravidão. Seu avô perdeu grande parte dos bens, conseguindo permanecer com a Fazenda Paraíso, onde Cora Coralina passou parte de sua infância.

A última parte do conto termina como começa: de forma circular, as camadas temporais se desfazem e a presentificação se anuncia. A narradora está defronte a casa a observá-la. Destina a ela saudação e agradecimento em reduzidas e intensas palavras: “és para meu cântico ancestral uma benção madrinha do passado.”

A Casa Velha da Ponte é elemento provocador de retorno ao passado, de protagonista ela passa a mera coadjuvante dos fatos e dos acontecimentos que fazem parte de sua história. Eles, sem pedirem licença, invadem a cena narrativa e centralizam o motivo da enunciação, depois novamente a Casa volta a ocupar seu espaço e demarca a sua existência em três esferas temporais: no presente, no passado e no mítico.

Referências Bibliográficas

- Anuário Histórico Geográfico e descritivo do Estado de Goyas, 1910.*
WALTER, Benjamin. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.* 6 ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CORALINA, Cora. *Estórias da Casa Velha da Ponte.* 11. ed. São Paulo: Globo, 2001.
- _____. *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais.* São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- _____. *Villa Boa de Goyaz.* São Paulo: Global, 2001.
- FERNANDES, José. *Dimensões da literatura goiana.* Goiânia: Gráfica de Goiás: CERNE, 1992.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto Autobiográfico: de Rosseau à Internet.* Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- THAN, Vicência Brêtas. *Cora coragem, Cora poesia.* 4. ed. São Paulo: Global, 2002.